

LUANA VON LINSINGEN
E
ROSANA RIOS
Ilustrações
GIZÉ

O BOTÃO GRENÁ

Selecionado para o PNLD/SP 2002



4ª edição

Conforme a nova ortografia

 **Editora
Saraiva**

Copyright © Rosana Rios, 2000

Editor: ROGÉRIO GASTALDO

Assistentes editoriais: ELAINE CRISTINA DEL NERO
NAIR HITOMI KAYO

Secretária editorial: ROSILAINE REIS DA SILVA

Suplemento de trabalho: MÁRCIA GARCIA

Revisão: PEDRO CUNHA JR. E LILIAN SEMENICHIN
(coords.)/ALINE ARAÚJO

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Supervisão de arte: VAGNER CASTRO DOS SANTOS

Assistente de arte: MAURO MOREIRA

Projeto gráfico e diagramação: HAMILTON OLIVIERI JR.

Finalização: HUMBERTO LUIZ DE ASSUNÇÃO FRANCO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Linsingen, Luana von

O botão grená / Luana von Linsingen, Rosana Rios ;
ilustrações Gizé. — São Paulo : Saraiva, 2000. — (Jabuti)

ISBN 978-85-02-03070-1

1. Literatura infantojuvenil I. Rios, Rosana. II. Gizé III. Título.
IV Série.

99-5082

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

6ª tiragem, 2017



SARAIVA Educação S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
www.editorasaraiva.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br

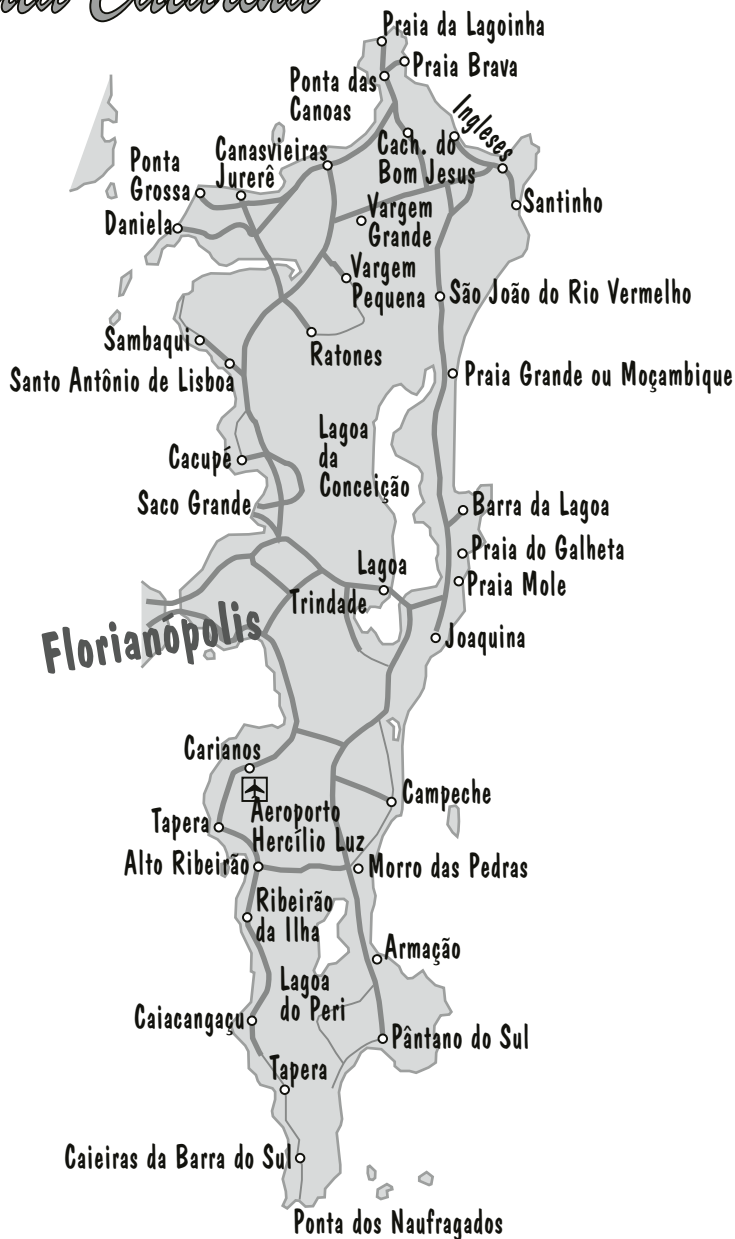
Todos os direitos reservados.

CL: 810102
CAE: 603362

Sumário

Prólogo	6
Capítulo 1	Casa feia para velho rico..... 9
Capítulo 2	No Rio Vermelho, entre a praia e a reserva 13
Capítulo 3	Uma casa para alugar em Santo Antônio 19
Capítulo 4	Sonhos de vivos e mortos 26
Capítulo 5	Um almoço a sete 31
Capítulo 6	O diário de Maya 37
Capítulo 7	Planos na calada da noite 43
Capítulo 8	A menina da fotografia 48
Capítulo 9	Suspeitas e subterfúgios 57
Capítulo 10	Um estranho mal-encarado usando óculos escuros, blusão de couro e boné “I love New York” 61
Capítulo 11	Um empregado falador e uma empregada silenciosa ... 66
Capítulo 12	Flagra em Sambaqui 74
Capítulo 13	Um passeio fascinante e uma briga por desfazer 80
Capítulo 14	Mentiras, boatos e desconfianças 89
Capítulo 15	À procura de dois adolescentes aventureiros 97
Capítulo 16	Planos, angústias e preocupações 106
Capítulo 17	Fuga ao pôr do sol..... 114
Capítulo 18	Entre mar e pedras..... 120
Capítulo 19	Surpresas e revelações 126
Capítulo 20	Uma lua cheia no céu 132
Epílogo	136
Glossário de palavras e expressões ilhoas.....	141

Ilha de Santa Catarina



Prólogo

Maya suspirou e fechou os olhos. Aspirou a brisa marinha. Descanso, afinal...

Estava sentada numa pedra, na praia de Sambaqui, em Florianópolis. Parecia impossível que estivesse tão longe de casa. Parecia impossível que tivesse vindo, afinal, encontrar os pais e as irmãs. Parecia impossível que tivesse passado de ano, após duas semanas de recuperação.

Ficara em São Paulo sozinha com a avó, enquanto o resto da família descera para Santa Catarina num *trailer*. Enquanto os felizardos passavam dias fantásticos num *camping* no Rio Vermelho, ela repassava toda a matéria de Matemática. Enquanto as irmãs se encarregavam de paquerar todos os “gatos” da ilha, ela estudava análise sintática.

Finalmente, após duas provas finais, fora aprovada e colocada pela avó num ônibus que, depois de dez horas de viagem, a despejara na rodoviária da cidade. Lá o pai a esperava. E agora ela podia também aproveitar as dezenas de praias da ilha. Sozinha, porém.

Parecia que todas as boas companhias do *camping* já estavam sob o domínio de suas extrovertidas irmãs. A ela restava engolir os comentários sobre sua capacidade de ficar em duas matérias, sua timidez, sua brancura de pele... e procurar as sombras das praias, enquanto as irmãs torravam ao sol entre os surfistas.

Maya abriu os olhos, tentando esquecer os problemas, e passou em revista a paisagem.

Sambaqui era um lugarzinho simpático, com casas em estilo lusitano — resultado da colonização açoriana da ilha

— misturadas a outras mais modernas. A areia amarelada da praia era grossa, gostosa de se deixar escorregar no meio dos dedos. A faixa um tanto estreita de areia terminava num mar de águas calmas e barrentas, que Maya olhou suspeitosa: vira os canos que acintosamente despejavam esgotos a céu aberto no mar, como estava acontecendo a tantas outras praias de Florianópolis.

As pessoas que moravam ali eram, em sua maioria, gente simples, de olhar desconfiado e atento, mas amáveis e dispostas a dar qualquer tipo de informação. Com essa amabilidade contrastava a frieza dos turistas que passavam por ali em seus carros de última geração, procurando pelos *points* da moda.

“Sambaqui não é mesmo um dos *points* da moda”, pensou Maya com um sorriso, ao ver suas duas irmãs tomando sorvete a certa distância, amuadas pela falta de surfistas. “Pelo menos não às nove da manhã.” Certamente Carmen e Toni prefeririam estar em Canasvieiras ou na Joaquina, praias mais frequentadas pelos jovens.

Mas ela, não. Preferia o sossego. E aquela região, escolhida pelo pai para o passeio do dia, parecia ter histórias antigas para contar... histórias do tempo dos colonizadores, dos índios, das bruxas. Bruxas... Seriam verdadeiros os contos sobre as *bruxas* da ilha?

Maya afastou quaisquer pensamentos tenebrosos, que não combinavam com uma manhã de verão, voltou os olhos para a areia e começou a procurar conchas e pedras para a coleção que fazia.

Foi então que viu um objeto. Alguma coisa cor-de-rosa forte, essa cor que alguns chamam de grená, sobressaía-se em meio à areia junto às pedras. Maya podia ser tímida, calada, quieta. Mas era curiosa acima de tudo: caminhou até lá e pegou o objeto.

Era um botão de cor grená, e parecia ter sido jogado ali pelas ondas. Há quanto tempo estaria na praia? Trazia ainda preso por trás um tufo de linhas. Dava a impressão de

ter sido arrancado com força de uma camiseta ou vestido. Gravadas em relevo no plástico do botão, oito letras formavam a palavra “segredos”.

Maya franziu a testa, pensando em como aquele botão teria ido parar lá. Segredos... Seria uma *griffe*? O presságio de algum acontecimento que deveria permanecer secreto? Alguma coisa lhe sugeria violência. Guardou o botão na sacola de praia, prometendo a si mesma descobrir algo mais sobre aquilo — apesar de ser improvável que descobrisse qualquer coisa sobre um botão jogado na praia. O improvável, porém, às vezes acontece...

A garota passeou pela areia, pensando no assunto. Vasculhou com o olhar as casas próximas à praia, quase todas com as janelas abertas deixando entrar a brisa. Uma delas chamou sua atenção justamente por ostentar todas as janelas fechadas. Era uma casa antiga, com detalhes em madeira, construída à maneira açoriana. Seria até bonita, se não estivesse aparentemente abandonada. Firmando a vista, porém, Maya percebeu que se enganara: numa das maiores janelas percebeu um velho a olhar a praia por trás da vidraça fechada. Parecia uma estátua, de tão imóvel.

Maya passou em frente ao campo de visão do homem e baixou os olhos, sentindo que ele a observava. Por algum motivo apressou o passo e foi encontrar as irmãs, do outro lado, terminando seus sorvetes.

A caminho, remexeu na sacola, pegando o botão grená e examinando-o mais uma vez. Aquela manhã a sobresaltara com sensações estranhas. O encontro do botão, o velho na janela... Sensações inadequadas para as férias de janeiro, em que a ordem era estorricar ao sol, descansar, namorar.

Naquelas férias em Santa Catarina, Maya não poderia saber que um botão jogado na praia a levaria a uma aventura improvável, inimaginável.

E perigosa.

Capítulo

1

Casa feia para velho rico

— Seu Mendes!

Um homem aparentando uns quarenta anos, vestido displicentemente, bateu pela segunda vez com os nós dos dedos na velha porta. Não recebendo resposta, forçou o trinco e entrou na casa.

Seus passos soaram inseguros no soalho da sala maltratada, onde os móveis cobertos por lençóis exalavam indistinctível cheiro de mofo — que as narinas dele, sensíveis, detectaram e denunciaram num espirro.

Ao erguer os olhos lacrimejantes por força do espirro, deu com uma mulher de pele curtida e olhar instigante, os cabelos negros com toques grisalhos amarrados num coque alto. Trazia uma vassoura na mão.

O homem recuou um pouco, a imagem de uma bruxa surgindo em sua mente.

— Dia, Zeli.

— Dia, seu Camilo. *Quês* o quê?

— Que acabes com esse mofo.

— Pra quê? Com mofo não posso fazê nada, a umidade é *braba*.

O homem sorriu amarelo. Depois perguntou pelo dono da casa.

— O mesmo de sempre. Tá olhando na janela todo *acachapado*, tadinho. *Quês* o quê com ele?

— Negócios — respondeu ele. — Está no escritório?

A mulher olhou-o desconfiada, como se tentasse ver através dele.

— Eu, se fosse tu, não ia *atentar* teu sogro. Seu Mendes não quer te ver nem hoje nem nunca.

O outro espiou o longo e estreito corredor. Era escuro e o teto ostentava uma aparência frágil. Suspirou. Tudo naquela casa parecia prestes a desabar.

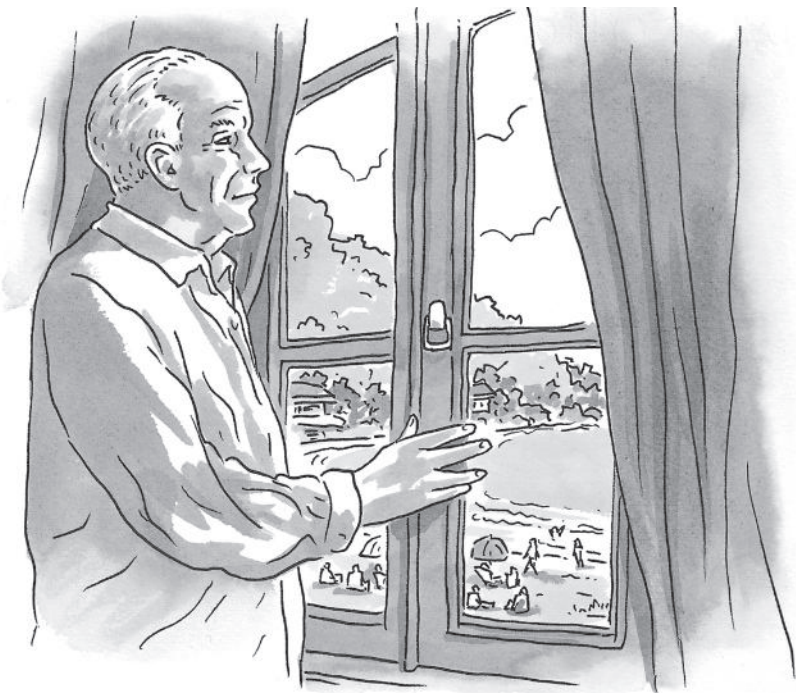
— Velho sovina... — resmungou, entre dentes. E para Zeli: — Não pedi conselho. Vou assim mesmo — criou coragem e enfrentou o corredor, a passos apressados.

Zeli tomou o rumo da cozinha, resmungando de si para si.

— Depois leva uma *carcada nos óio* e não sabe por quê.

Aquele que ela chamara Camilo bateu umas duas vezes na porta do gabinete, no fim do corredor. Teve medo de bater com mais força e derrubar a porta, que, como tudo ali, também parecia podre. Não obtendo resposta, entrou de vez.

Deu com um homem idoso, um tanto curvado pela idade, com os olhos fixos na janela. Depois de alguns segundos, ele se voltou e fitou o intruso com olhar severo.



— Não te ensinaram a bater na porta?

O outro mostrou-se um tanto embaraçado.

— Eu bati.

— Não escutei — resmungou o velho, voltando a olhar pela janela.

— Mas eu bati — insistiu o visitante —, até chamei.

O homenzinho sacudiu a cabeça, mal-humorado, e se afastou da janela, embora ainda mantivesse o olhar distante. Com um suspiro, foi sentar-se atrás de uma escrivaninha de madeira polida. O outro não pôde deixar de notar que tudo naquele aposento destoava do resto da casa: se lá fora havia pó, ali dentro nem um grãozinho conspurcava a limpeza da escrivaninha, das estantes, das poltronas confortáveis.

“Velho maluco”, pensou o genro com raiva, “com o dinheiro que tem podia morar numa casa de cinema! E vive enfiado nessa... nessa...”

— O que tu queres, Camilo? — resmungou o dono da casa, acordando o outro de sombrios pensamentos.

— Conversar... trocar ideias... quem sabe amarrar um negócio, seu Mendes. Afinal das contas, sou da família e...

O olhar feroz do velho, fuzilando-o por trás da escrivaninha, cortou o breve discurso que ele havia preparado.

— Tu não és nem nunca foste família pra mim! Enquanto minha filha e a menina eram vivas, ainda aturava a ti e àquele teu irmão imprestável. Mas agora...

Camilo ainda tentou acalmá-lo.

— Escuta, seu Mendes, eu acho que...

— Some da minha casa! — berrou o velho, com um fôlego inesperado.

Camilo continuou displicentemente jogado na poltrona em que se sentara.

— E se eu não for? O que meu querido sogro vai fazer? Mandar Zeli me espantar com a vassoura?

Em resposta, seu Mendes fez soar uma sineta com o indicador. A porta do gabinete se abriu e um homem louro de olhos claros, ar feroz e pelo menos um metro e noventa de altura, entrou sem ruído algum.

— Chamou, patrão?

O velho respirou fundo e limpou o suor do rosto.

— Mostra pra esse indivíduo o caminho da porta, João. Parece que ele não consegue encontrar a saída sozinho...

Um olhar do segurança e Camilo já atravessava o corredor. Ouvia a porta da frente fechar-se com estrondo às suas costas e parou, ofegante, os punhos fechados ameaçando o velho, que não podia ouvi-lo.

— Tu me pagas, velho. Eu ainda tenho um trunfo na manga... um trunfo tão valioso que tu nem imaginas... deixa estar, que tudo que tens vai mudar de mãos!

Seguiu sob o sol, as roupas desalinhadas manchando-se de suor.

Olhando-o pela porta dos fundos, Zeli murmurou.

— Esse homem tem coisa... e coisa ruim. Mas espera... O dia que o bicho se mostra não tarda!

E num bufar profético voltou para a cozinha e para o peixe do almoço. Ouvia os passos fortes de João ressoando pelo corredor e os passos fracos do patrão, voltando para seu lugar de sempre: a janela.

Mas ele não olhava para fora. Fitava agora uma fotografia num pequeno porta-retratos. Entre a moldura, uma mulher de mais ou menos uns trinta anos abraçava uma garotinha de uns sete. Podia-se ver que, num dos lados, a foto fora rasgada para deixar de fora um terceiro personagem que fizera parte da cena original. Um homem.

O velho suspirou, colocou o porta-retratos sobre a escrivaninha de madeira polida e voltou à janela. Desta vez, como antes, os olhos fixos na praia.

Capítulo

2

No Rio Vermelho, entre a praia e a reserva

Maya estremeceu e entrou no carro. Estivera observando outra vez a casa da esquina, e se impressionara com um homem que, do lado de fora, parecia xingar veementemente alguém lá dentro. Logo o veículo se afastava de Sambaqui, e ela desviou os olhos e os pensamentos do exterior, prestando atenção na conversa que se desenrolava entre os pais e suas irmãs Carmen e Antônia, apelidada de Toni.

— Que lugar magnífico! — suspirava Raul, o pai.

— Eu não achei graça nenhuma — rebateu Carmen.
— Não tinha nada pra se fazer!

— É, nem boate, nem agito, nem surfistas... — concordou Toni.

— Minhas queridas — voltou ele —, vocês não entendem nada de atmosfera.

— A atmosfera em Sambaqui cheirava a peixe — decretou Carmen, provocando uma olhada terrível do pai pelo retrovisor.

— Eu achei muito interessante a história que o sorveteiro contou — atalhou Madalene, a mãe, para mudar o rumo da conversa. — Que o nome da praia veio dos sambaquis indígenas que existem por lá.

— O que é um sambaqui, mãe? — indagou Toni.

— Pelo que eu entendi, é um monte de conchas de mariscos e ostras lançados pelos índios que moravam aqui no passado. Esse “lixo” todo se solidificou, virando os montes fósseis, os sambaquis. Aqui havia muitos, e a praia herdou o nome — repetiu a mãe.

— Eu não vi monte fóssil nenhum — resmungou Toni.

— Claro que não iria ver, filha. Eles foram destruídos

há muito tempo pelos colonizadores, que usaram as conchas pra construir suas casas. Um que restou é aquele que o sorveteiro chamou de Ponta das Bruxas.

Carmen arqueou as sobrancelhas.

— Que história é essa de bruxas?

A mãe lançou um olhar cúmplice ao marido.

— Não sabia que Florianópolis é conhecida como Ilha da Magia ou Ilha das Bruxas? Aqui está cheio delas, querida.

— Conversa! — retrucou a moça. — O cara quis foi impressionar vocês!

— Não, Carmen, é sério — intrometeu-se Raul. — Houve um homem, chamado Franklin Cascaes, que foi muito importante para a preservação da cultura local. Ele fez uma pesquisa riquíssima sobre as bruxas da Ilha.

— Ah, mas isso é folclore, não tem nada a ver com a realidade.

— Dizem que ele conhecia as bruxas, conversava com elas... — atalhou Madalene.

Carmen e Toni se entreolharam e soltaram risadinhas abafadas.

